

## O ENSINO DE HISTÓRIA E O LIVRO DIDÁTICO

Angélica Florentino de Oliveira  
Carla Maria Fernandes Tuchinski  
Cristiane Frizzera  
Eliane Aparecida Rocha da Silva  
Gabrielle Luzes Galvão  
Kaliandra Silva Tossi  
Marinete Miranda da Silva  
Patrícia Aparecida Gonçalves  
Renata Fernandes Tuchinski  
Roseli Barbosa  
Silvana Reifur Morais  
Silvana Salviano dos Santos Neves

### RESUMO

Este artigo tem como tema principal o Ensino de História através do Livro Didático, tema escolhido após as observações de estágio em salas de aula do Ensino Fundamental e tem como objetivo mostrar a história do livro didático, como foi seu surgimento e obstáculos que enfrentou durante a história, a perseguição dos governantes principalmente aos livros didáticos da disciplina de História, o processo até chegar ao que é atualmente. Também tem como finalidade mostrar como seu uso em sala de aula se modificou, como é visto no processo de ensino aprendizagem do aluno e como ferramenta de trabalho para o professor e também seus pontos positivos e negativos no ensino atualmente. Durante a pesquisa, buscou-se compreender porque atualmente professores procuram outros métodos, se procuram e como procuram para usar em sala de aula para complementar o conteúdo dos livros. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, feita através de pesquisa em livros, artigos científicos e pesquisas em sites, usando como fontes teóricos que trataram do assunto. Através da pesquisa ficou claro que o ensino feito com base apenas no livro didático já não é o mais utilizado, os professores atualmente complementam o conteúdo com outras fontes didáticas.

**Palavras chaves:** Livro didático. Ensino de História. Métodos de ensino. Tecnologia.

## 1 INTRODUÇÃO

A produção do presente artigo com o tema a importância do livro didático no ensino de História foi baseada em pesquisas realizadas através de livros, artigos e pesquisas em sites, onde se tem procurado discorrer sobre a história do livro didático desde a sua origem, processos de transformação sofridos desde o princípio até aos dias atuais. A pesquisa além de mostrar a história da criação do livro didático, também analisa a forma como o conteúdo de História está sendo exposto nos livros atuais, se os acontecimentos históricos são relatados no livro didático de forma completa e cronológica e demonstrar a sua importância para formação e aprendizagem do aluno e também como ferramenta para o trabalho do professor.

O tema alvo dessa pesquisa foi escolhido em virtude de questionamentos ocorrentes durante a graduação, principalmente nas atividades de estágio, onde pode ser acompanhada a rotina da utilização do livro didático em sala de aula, percebendo a dificuldade do professor em trabalhar apenas com o livro didático em sala de aula.

Para a realização da pesquisa foram realizadas pesquisas em livros, artigos e sites que tratam sobre o assunto, e também foi analisado um livro didático, atualmente utilizado em uma escola Estadual a fim de perceber a forma como está organizado o seu conteúdo.

O trabalho está organizado em três partes, a primeira traz o assunto que será abordado e a intenção da pesquisa realizada, mostra a importância do livro didático no ensino e como os profissionais tem procurado outras ferramentas. A segunda apresenta teorias de autores sobre o ensino de história através do livro didático, sobre a evolução que o livro sofreu no decorrer dos anos e algumas discussões sobre o tema principal do texto, a terceira traz os resultados da pesquisa realizada e as conclusões que foram alcançadas através das pesquisas.

O livro didático é um grande instrumento educacional e está presente na História do Brasil desde o período colonial, porém nesta época ele só era acessível para os poderosos da hierarquia, mas ao longo dos anos, tornou-se acessível a todos e vem se tornando uma ferramenta de carácter pedagógico capaz de provocar e nortear possíveis modificações e melhorias na prática pedagógica.

Apesar de ser visto como uma ferramenta que oferece documentação completa, muitos professores fazem uso de outras ferramentas para complementar o conteúdo oferecido pelo livro didático. Atualmente percebe-se a grande busca por parte dos professores em formas e métodos para acrescentar ao conteúdo, esta pesquisa busca esclarecer o porquê essa procura está crescendo tanto nas salas de aula, se essa procura está relacionada ao conteúdo do livro de didático não estar sendo suficiente para transmitir ao aluno o conhecimento almejado pelo professor, ou se trata apenas do fato de os professores estarem querendo inovar na forma de ensinar, trazendo a tecnologia para dentro da sala de aula.

## **2. O LIVRO DIDÁTICO**

O trabalho de um professor em sala de aula é fruto de muito estudo e busca constante por aperfeiçoamento, sempre intencionado na melhor maneira de transmitir o conhecimento aos seus alunos. Um grande aliado do professor em sala é o livro didático, sendo também uma das ferramentas mais utilizadas por ele, porém nem sempre foi assim, até chegar à forma que tem hoje o livro didático enfrentou perseguições políticas e sociais, principalmente se tratando dos livros de História.

De acordo com Matos, a trajetória do livro didático no Brasil foi marcada por três momentos importantes na História nacional:

O primeiro, no século XIX, com a criação da Comissão de Instrução Pública, responsável por elaborar projetos de lei que, apesar do pouco tempo de existência, cerca de seis meses, tinha o objetivo de ser instrumento de promoção dos fundamentos da nacionalidade brasileira através da educação, o segundo momento, já no século XX, marcado pela criação de três comissões, a Comissão Nacional do Livro Infantil (1936); a Comissão Nacional do Ensino Primário (1938) e a Comissão Nacional do Livro Didático (1938), criadas em meio à implantação do Estado Novo, na gestão do Ministro Gustavo Capanema e o terceiro momento, com a criação em 1985, já no final do Governo Militar, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). (MATOS, p.01. 2012).

Assim surge o PNLD, programa existente até hoje, que é responsável pela distribuição dos livros didáticos em todo Brasil conforme podemos ver abaixo;

Dentro do processo de criação de um órgão responsável pela regulação, avaliação e autorização de livros didáticos, podemos inferir que o ensino de História fora um alvo, pois é nele que encontramos um espaço relativamente

amplo de possibilidades de crítica social e política. Dessa forma, quando analisamos o papel da criação da Comissão Nacional do Livro Didático em 1938, buscamos perceber como essa instituição atuou como limitadora e reguladora dos conteúdos veiculados nos livros didáticos, especificamente os de História, e dessa forma contribuiu para uma profunda mudança no mercado editorial brasileiro de livros didáticos. (MATOS, 2012 p. 54)

O ensino de História por tratar muito de política e raças, levanta a questão da ética profissional na hora de repassar esse conteúdo, chama a atenção, à cautela para não impor sua opinião ao ensinar tais conteúdos, mais sim dar a possibilidade de discussão e a formação de uma opinião própria aos seus alunos. Assim o professor, apropriando dos instrumentos a sua volta, atua como provocador, que motiva o aluno a pensar sobre os eventos encontrados ou que surge a sua volta. Assim ele é convocado a ser um sujeito crítico.

Desta forma podemos dizer que o livro abre leques de possibilidades, para que a partir dele, outras fontes ou materiais sejam pesquisados, acrescentando a possibilidade de conhecimento e enriquecendo as aulas.

O professor não deve abrir mão disso, ou seja, não deve perder a oportunidade encontrada nesse instrumento.

Para a composição da Comissão Nacional do Livro Didático foram escolhidos intelectuais, professores, padres e militares, conforme afirmou Ferreira: “A CNLD foi composta por um grupo de intelectuais, escolhidos por Gustavo Capanema, não de forma aleatória, mas organizada de acordo com as possibilidades do Ministério” (FERREIRA, 2008, p. 16 *apud* MATOS, 2012, p. 56).

A escolha desses membros tinha como base o Decreto-Lei 1.006/38, que estabelecia que não pudesse haver qualquer ligação entre os membros e também não poderia ser feita publicações por eles, porém algumas vezes, essas regras eram descumpridas, já que era insinuada uma ligação política entre os membros da comissão e figuras políticas da época.

Em 1964, é implantado Regime Militar através do golpe de Estado. Ocorre a privatização do ensino, repressão e a intervenção do estado nos assuntos sobre o livro didático.

A questão da compra e distribuição de livros didáticos recebeu tratamento específico do poder público em contextos diferenciados — 1966 1971 e 1976 —, todos marcados, porém, pela censura e ausência de liberdades democráticas. De outra parte, esse momento foi marcado pela progressiva ampliação da população escolar, em um movimento de massificação do

ensino cuja consequência [sic], sob o ponto de vista da qualidade, acabaria por deixar marcas indeléveis no sistema público de ensino e que persistem como o seu maior desafio. Neste contexto particular, destaca-se o peso da interferência de pressões e interesses econômicos sobre a história ensinada, na medida em que os governos militares estimularam, por meio de incentivos fiscais, investimentos no setor editorial e no parque gráfico nacional que exerceram papel importante no processo de massificação do uso do livro didático no Brasil. Cabe destacar que a associação entre os agentes culturais e o Estado autoritário transcendeu a organização do mercado consumidor da produção didática e envolveu relações de caráter político-ideológico, cujas repercussões sobre o conteúdo dos livros didáticos foram marcantes, sobretudo pela perspectiva de civismo presente na grande maioria das obras, bem como pelo estímulo a uma determinada forma de conduta do indivíduo na esfera coletiva. Deste modo, o uso do livro didático tornar-se um instrumento de repressão e contenção do Estado, e sua distribuição passam a ser maciça para atingir estes fins. (MIRANDA; LUCA 2004, p.125)

Assim o livro didático tornou-se instrumento de repressão e contenção do Estado, apenas no final da década de oitenta, início dos anos noventa começa um movimento de renovação dos livros didáticos, tendo como grande marco da política do livro a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Com o decorrer dos anos o PNLD foi se aprimorando e sofrendo mudanças, e se concretizou no Brasil, chegando à forma como ele está sendo distribuído nos dias atuais. (MIRANDA; LUCA, 2004).

De acordo com o Ministério de Educação.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (BRASIL, 2018).

De acordo com Bittencourt (2008), o livro didático é um dos principais instrumentos de trabalho tanto do professor e também do aluno, mas não é o único, pois o uso de filmes, revistas e vídeos tem sido usado para complementar o conteúdo nas aulas de História, mas o livro ainda tem sido o protagonista durante as aulas. Ele sempre foi muito vigiado pelas autoridades políticas por se tratar de um dos livros que mais influenciam na formação de opinião, já que mostram os acontecimentos que ocorreram em todo o mundo, trata de preconceito entre raças, guerras, então isso faz com que ele seja sempre vigiado.

O livro é uma ferramenta fundamental na constituição dos saberes escolares. Bittencourt (2008) mostra que, além de apresentar os conteúdos é um suporte de

métodos pedagógicos, sugere trabalhos, apresenta exercícios e formas de avaliação. Por isso o livro didático tem sido alvo de pesquisadores, para buscar as vantagens e desvantagens do uso em sala de aula, fazendo assim com que ocorram melhorias.

Conforme nos mostra Bittencourt (2008), o livro é composto por várias ferramentas de auxílio para o aluno aperfeiçoar ainda mais seu aprendizado e busca incentivar o aluno a buscar mais sobre o conteúdo, incentivo para que realize pesquisas, assista filmes, leia livros e artigos que tratam do mesmo assunto que o livro didático está apresentando, para assim esclarecer dúvidas e conhecer o assunto mais a fundo, já que essas outras ferramentas podem apresentar de forma mais clara e de fácil entendimento tal conteúdo, deixando-o mais simples para o entendimento do aluno, isso também ensina o aluno a ter autonomia na hora de esclarecer suas dúvidas, faz com que ele não se prenda apenas em ouvir esclarecimentos do professor, buscando tirar suas próprias conclusões.

Os livros didáticos de História se apresentam, até pelo seu enorme grau de difusão, potencializado pela distribuição gratuita aos estudantes de escola pública de todo o país, como uma das mais importantes formas de currículo semielaborado, que nasce a partir de distintas visões e recortes acerca da cultura. Carregam consigo, portanto, múltiplas possibilidades de organização dessa relação entre o que é, o que pode ser e o que deveria ser aprendido em relação à disciplina. (MIRANDA, LUCA, 2004, p.134)

As vantagens criadas pelo uso do livro em sala, além da forma como ele é elaborado também é levado em consideração a forma como ele é gerenciado pelo professor, afinal vindo de um processo de produção de conteúdo que está cada vez mais resumido, deixando as vezes conteúdos muito importantes de lado. É papel do professor buscar aprimorar este conteúdo e incentivar também o aluno a buscar, já que atualmente temos ao nosso alcance tantos meios de pesquisa. Cabe também ao professor tentar trabalhar os conteúdos históricos relacionando-os com a realidade dos alunos, intercalando passado e presente, fazendo com que o aluno se interesse mais pelo que está estudando. Afinal os métodos de ensino hoje em dia se modificaram bastante, o uso de aparelhos eletrônicos aumentou e o professor não deve se prender ao ensino preso somente ao livro didático. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2013).

Novos desafios se colocam, pois, para a escola, que também cumpre um papel importante de inclusão digital dos alunos. Ela precisa valer-se desses recursos e, na medida de suas possibilidades, submetê-los aos seus

propósitos educativos. Há que se considerar que a multiplicação dos meios de comunicação e informação nas sociedades de mercado em que vivemos contribui fortemente para disseminar entre as crianças, jovens e população em geral o excessivo apelo ao consumo e uma visão de mundo fragmentada, que induz à banalização dos acontecimentos e à indiferença quanto aos problemas humanos e sociais. (BRASIL, 2013, p. 111).

Para isso é preciso que o professor busque se aperfeiçoar e conhecer esses recursos para usá-los como instrumento favorável ao seu trabalho, pois eles podem contribuir muito com sua prática, com o ensino e com a aprendizagem significativa. Desta forma os recursos, principalmente digitais, se bem utilizados podem auxiliar no processo educativo e acrescentar os conhecimentos que se encontram impressos no livro didático.

Busca-se, de modo geral, promover a aquisição gradual dos conceitos que, nesse caso, se sobrepõem às definições mecânicas e, coerentemente com tal opção, os momentos de introdução das unidades, as atividades e exercícios são propostos com a intenção de propiciar circunstâncias dialógicas e de construção conceitual. (MIRANDA, LUCA, 2004, p.134)

Assim Miranda e Luca mostra que o professor deve ter como principal objetivo propor atividades que incentivem ao aluno discutir o assunto e construir seu próprio conceito a respeito, e isso pode ser feito usando métodos diferenciados já que cada aluno aprende de uma forma diferente, em ritmo diferente e as propostas curriculares atuais focam cada vez mais na aprendizagem e no desenvolvimento social do aluno, então o professor deve levar a aprendizagem do aluno como o principal foco buscando meios para facilitar sua aprendizagem e resolver as dificuldades que forem surgindo, ensinando-o a buscar formas de pesquisar para facilitar seu entendimento, assim o aluno constrói uma independência ao buscar esclarecer suas dúvidas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2013).

O conceito de qualidade na escola, numa perspectiva ampla e basilar, remete a uma determinada ideia de qualidade de vida na sociedade e no planeta Terra. Inclui tanto a qualidade pedagógica quanto a qualidade política, uma vez que requer compromisso com a permanência do estudante na escola, com sucesso e valorização dos profissionais da educação. Trata-se da exigência de se conceber a qualidade na escola como qualidade social, que se conquista por meio de acordo coletivo. Ambas as qualidades – pedagógica e política – abrangem diversos modos avaliativos comprometidos com a aprendizagem do estudante, interpretados como indicações que se interpenetram ao longo do processo didático-pedagógico, o qual tem como alvo o desenvolvimento do conhecimento e dos saberes construídos histórica e socialmente. (BRASIL, 2013. P.21).

Atualmente o professor tem de levar em consideração que ele durante sua aula pode desenvolver o pensamento crítico e social dos seus alunos, por isso trazer para a sala de aula o cotidiano presente dos alunos se torna importante, para que ele aprenda associar o conteúdo da História Antiga com o seu presente, para que assim o aluno veja sentido naquilo que está aprendendo, e resolva buscar saber durante o aprendizado do conteúdo, quais foram as mudanças que aquele acontecimento causou que trouxe consequências para sua vida atual, e quais aspectos são iguais ao que está presente na sua vida atual.

Deve ser observado que o conhecimento histórico é muito mais do que simplesmente conhecer o relato histórico.

É claramente perceptível a presença de um grupo predominante — que se designa genericamente como Tradicional — que aborda a História em sua dimensão meramente informativa e não valoriza o conhecimento histórico em seu aspecto construtivo. As narrativas são organizadas a partir de recortes já consagrados, as fontes históricas ganham caráter mais ilustrativo e não são exploradas numa dimensão que aproxime o aluno daquilo que preside o procedimento histórico; nesse sentido, uma concepção de verdade pronta e irrefutável preside a obra. (MIRANDA E LUCA. 2004. p.140)

Talvez por isso ainda existem muitas discussões sobre o ensino de História, mas acredito que a melhor forma de o fazer é desenvolver atividades que procurem motivar o aluno a leitura, esclarecimentos de dúvidas, para que elabore suas próprias conclusões, desenvolvendo assim a consciência histórica dos alunos. O aluno deve ter consciência que aquele conteúdo que ele está estudando não se trata de histórias de ficção, não são apenas ilustrações quaisquer, mas fatos importantes que ocorreram e foram comprovados através de muita pesquisa e que esses acontecimentos ocasionaram muitas mudanças da época em que ocorreu até o tempo em que vivemos atualmente.

Sobre os conteúdos de História podemos observar que:

[...] Alguns temas sustentam-se em uma historiografia tradicional e apresentam-se de modo absolutamente recorrente e naturalizado em termos de explicação, tais como: a explicação da economia brasileira a partir da teoria dos ciclos; a ausência de dinamismo econômico na economia colonial; a análise da sociedade colonial somente a partir do binômio patriarcalismo/submissão feminina; a compreensão da industrialização brasileira a partir do paradigma paulista, em associação estrita com a acumulação de capital cafeeiro, entre outras muitas possibilidades analíticas que podem emergir se procedermos a uma análise mais pontual, incabível nos limites deste texto. (MIRANDA E LUCA. 2004. p.140)



O professor pode sensibilizar o aluno ao desenvolvimento da consciência crítica saindo das leituras apenas nos livros didáticos, pois às vezes ele pode não apresentar o conteúdo em uma forma fácil de compreender pelos alunos. Podendo apresentar aos alunos artigos de revistas, obras literárias, filmes sobre o assunto, o que faz com que aquele aluno que não conseguiu entender o conteúdo através do livro didático tenha outros métodos para esclarecer suas dúvidas, ou seja, se ampara em outras realidades, outros tipos de textos que lhe permite compreender um assunto estudado que as vezes são é difícil a compreensão apenas na leitura do livro didático. Desta forma podemos dizer que a leitura é muito mais que a leitura de um livro, é leitura de mundo.

Durante uma entrevista, Barca (2003), historiadora, ao ser perguntada se para cada etapa de escolaridade existe uma fonte adequada para ser trabalhada, ela dá seguinte resposta:

Não. Para eleger os materiais apropriados, que possibilitem o ensino dos conteúdos e o pensar histórico, é preciso analisar a situação da classe. A decisão não tem a ver com a idade dos estudantes, e sim com o letramento histórico alcançado por eles. Além disso, o que é mais próximo da turma hoje não é só o que está no entorno. As crianças e os jovens têm muito contato com a TV e com a internet e, por isso, algo que para os adultos pode parecer longínquo no tempo e no espaço para eles é mais próximo. (BARCA, 2003)

Como mostra a autora, a forma como se usa tais recursos é o que faz o aprendizado do aluno ser satisfatório ou não, independentemente da idade tudo pode ser adaptado para que todos consigam aprender.

Com o tempo ocorreram muitas mudanças no currículo escolar principalmente com o surgimento de diversas opções tecnológicas que carregam consigo muitos benefícios, mas também causam muitas discussões entre os profissionais de educação sobre os seus malefícios para o ensino escolar.

Autores alertam que são necessários cuidados ao utilizar os meios de comunicação como informática. Isso exige do professor um grande preparo, tanto no que se refere a formação ou capacitação, como o zelo pelo que será trabalhado numa sala de aula, portanto conhecer muito bem o que é a forma como será utilizado tal conteúdo. Desta forma podemos observar segundo os autores;

[...] Nesse sentido, torna-se fundamental o cuidado com o método de leitura dos meios de comunicação e do uso de informática, de maneira que se

propicie uma análise crítica das informações e do próprio suporte de comunicação. (BITTENCOURT, 2008 p.109)

O uso de tecnologias em sala deve ser cauteloso, já que as informações propagadas por esses meios muitas vezes podem não ser reais, ou não ter bases teóricas, serem apenas palavras soltas. Por isso a cautela em sempre checar as informações antes de usá-las em sala, verificar seu conteúdo, bem como conhecer o alcance do que se pretende ensinar aos alunos, fazendo sempre essa checagem como forma de prevenção. Isto evita com que o uso das tecnologias se torne ruim para o aprendizado dos alunos, pois o próprio professor pode guiar os alunos para que façam uso com cautela também na sua vida cotidiana, não apenas escolar.

Adotar filmes como recurso para facilitar o processo ensino-aprendizagem exige a presença de um moderador para fomentar as discussões acerca daquele conhecimento exposto. Neste caso, as imagens tornam-se um poderoso instrumento de aproximação do real, por sua sutileza de discurso e sedução de linguagem, sendo possível associar o estímulo verbal à reflexão com fins pedagógicos. (MARCIANA *et al.*,2012)

Ao se usar filmes também a de se ter a cautela, em mostrar aos alunos, o que realmente é parte da História comprovada e o que é ficção, já que muitos fatos são inseridos para conseguir tornar o filme mais atrativo, já que o mundo cinematográfico consiste no comércio dos filmes que são produzidos. Outro ponto em que deve se ter cuidado é na exclusão social através do uso de tecnologias, já que existem alunos de várias classes sociais, onde alguns têm acesso à tecnologia e outros não, nisso o professor deve ser mediador também, principalmente quando pedir aos alunos para realizar trabalhos e pesquisas fora da escola fazendo uso de qualquer tecnologia, já que alguns alunos podem não conseguir realiza-los. Mesmo sendo cauteloso o uso em sala de tecnologia não deixa de ter resultados, já que o uso de computadores, filmes e outros métodos tecnológicos traz para sala, a modernidade da vida dos alunos atuais, que bem administrada ajuda na atenção e absorção do conteúdo histórico.

Com base na proposta metodológica dos especialistas da área, podemos repensar um método de ensino adequado sobre o uso de filmes na escola. Fica evidente que não existe um modelo simplificado para introduzir os alunos na análise crítica da imagem cinematográfica, mas pode-se destacar a impossibilidade de deter-se apenas na análise do conteúdo do filme. (BITTENCOURT, 2008, p.375)

Para se trabalhar com filmes, é preciso que os alunos também entendam como um filme é feito, os procedimentos por traz da sua criação, o que existe por traz das câmeras, em que tempo ele foi criado, aprendam a ter critérios na seleção do que assistir e o que absorver de cada obra.

A discussão pelo uso de recursos didáticos tecnológicos levanta também uma discussão sobre a formação e aperfeiçoamento dos professores/historiadores, já que o uso por alguns se torna difícil, principalmente para os que possuem muitos anos de profissão, por ser uma coisa nova, que não tinham acesso na época em se formaram. Talvez esse seja um dos pontos principais pelo qual alguns profissionais se posicionem contrários ao uso de tecnologias na escola, por terem se acomodado com o ensino tradicional, baseado apenas no uso do livro didático, e se negarem a buscar aperfeiçoamento, no que diz respeito ao uso dessas tecnologias, afinal para algumas pessoas manipular aparelhos tecnológicos se torna muito difícil, então necessita da ajuda de outras pessoas, ou procurar cursos específicos para aprender manipula-los.

Acredito que esse aperfeiçoamento possa partir da gestão escolar, através da formação continuada já que traz melhorias para a aprendizagem pedagógica de todos os profissionais da escola, como nos mostra as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2013), "Para tanto, é preciso que se ofereça aos professores formação adequada para o uso das tecnologias da informação e comunicação e que seja assegurada a provisão de recursos midiáticos atualizados e em número suficiente para os alunos. "

De acordo com, Bacich, Tanzi neto, Trevisani, (2015, p. 47), conforme citado por Rodrigues, (2016, p.15):

Crianças e jovens estão cada vez mais conectados às tecnologias digitais, configurando-se como uma geração que estabelece novas relações com o conhecimento e que, portanto, requer que transformações aconteçam na escola.

Atualmente muitas escolas usam vários recursos em sala, mas também devemos levar em consideração que no Brasil a realidade social é bem diferente, então temos que focar, que algumas escolas não tenham nem acesso à internet, quem dirá acesso a computadores e outros aparelhos tecnológicos. Por isso o uso dessas tecnologias em sala de aula, ainda não deve ser cobrado, já que estaria havendo uma desigualdade social, onde alguns teriam acesso e outros não, certo seria esperar que

o governo consiga tornar o acesso à tecnologia uma realidade para todos, porém observasse um grande esforço do governo para oferecer acesso a recursos tecnológicos e internet para todas as escolas Brasileiras, é o que mostra o Decreto Nº 7.750 de 8 de junho de 2012 que cita:

O PROUCA tem o objetivo de promover a inclusão digital nas escolas das redes públicas de ensino federal, estadual, distrital, municipal e nas escolas sem fins lucrativos de atendimento a pessoas com deficiência, mediante a aquisição e a utilização de soluções de informática, constituídas de equipamentos de informática, de programas de computador - **software** - neles instalados e de suporte e assistência técnica necessária ao seu funcionamento. (BRASIL, 2012)

Isso faz com que voltemos ao fato, já citado anteriormente, de que o livro didático ainda seja a principal ferramenta em sala de aula, e deve sim se buscar e cobrar o aperfeiçoamento dos conteúdos nele apresentados, já que nem todos têm acesso a meios de pesquisa para tirar dúvidas, usando o conhecimento do professor/mediador para esclarecer as dúvidas que surgem. Essa cobrança cabe também ao professor já que ele é um dos principais usuários que tem autonomia para cobrar da gestão escolar melhorias nos materiais didáticos, para que assim a gestão possa cobrar de outros órgãos até que chegue essas opiniões nas editoras e assim elas possam melhorar os conteúdos e ferramentas dos livros a cada nova edição lançada.

Sobre a importância e a forma como o livro pode contribuir na aprendizagem do aluno, pode ser observado que:

Como sugere o adjetivo didático, que qualifica e define um certo tipo de obra, o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. Muito embora não seja o único material de que professores e alunos vão valer-se no processo de ensino e aprendizagem, ele pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares. (LAJOLO,1996 p.04)

A autora mostra que apesar de ser acompanhado por outras ferramentas tecnológicas, o ensino e aprendizagem terá o livro como a principal ferramenta durante as atividades escolares, fazendo uso de outras ferramentas apenas para complementar o conteúdo. Observa-se que o livro mesmo sendo muito importante, não é o único material de aprendizagem, ele pode ser usado para abrir caminhos, para se ter o primeiro acesso ao conteúdo, como se fosse a porta do conhecimento que

entrando por ele, o aluno chega a outros recursos que ampliam a aprendizagem, e contribuem de grande forma para sua formação.

Então pode ser observado que;

As funções atuais do livro didático são avaliar a aquisição dos saberes e competências; oferecer uma documentação completa proveniente de suportes diferentes; facilitar aos alunos a apropriação de certos métodos que possam ser usados em outras situações e em outros contextos. (BITTENCOURT, 2008, p. 307 *apud* CHOPPIN, 2000, p. 30)

Assim as editoras têm procurado inovar cada vez mais a cada edição dos livros, para oferecer o melhor conteúdo e os melhores métodos de ensino, para facilitar o trabalho do professor e também a aprendizagem dos alunos, já que as editoras procuram agradar aos críticos e professores para serem escolhidos pelos órgãos públicos, para fazer parte das escolas públicas do Brasil, o que torna o livro uma mercadoria comercial, sendo interesse das editoras vender e distribuir o maior número de exemplares possível.

Muito mais que uma mercadoria pra negócio, de ser observado como material que vai transformar em conhecimento, então se exige muito cuidado no momento de aquisição do livro que vai para a sala de aula, sempre consciente de que ele realmente cumpra seu papel na aprendizagem do aluno, e não somente como mercadoria que vai gerar lucro para as editoras e que nesse ato o professor venha a contribuir, sem muitas vezes se preocupar com aqueles que precisa que o conhecimento chega verdadeiramente a ele.

. Sobre esse assunto, encontramos que:

O livro, como mercadoria, obedece a critérios de vendagem, e por essa razão as editoras criam mecanismos de sedução junto aos professores. Oferecem-lhes cursos, criam materiais anexos que acompanham as obras e esmeram-se em apresentar os livros como um produto “novo”, seguidor das últimas inovações pedagógicas ou das propostas curriculares mais atuais. (BITTENCOURT, 2008, p. 311, 312)

Cabe então ao poder público juntamente com os professores fazer as melhores escolhas, procurando levar como ponto principal do livro escolhido o conteúdo completo e coerente, e edições que tragam facilidades ao aprendizado dos alunos. Deve ser levado em conta que, o conteúdo do livro escolhido irá contribuir na formação de aluno como cidadão responsável pela transformação da sociedade, então entende-se que conteúdos pobres ou incompletos irão trazer poucas contribuições ou formará

cidadão desprovidos de conhecimentos, desta forma não correspondendo às expectativas da sociedade.

### 3. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho foram realizadas pesquisas por meio de leituras de livros, sites, artigos, e outras fontes que tratam sobre o tema pesquisado, portanto foi feita uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e analítica.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (Fonseca, 2002, p. 32)

Também foi feita uma análise de um livro didático e História, atualmente utilizado no ensino fundamental de uma escola estadual.

O livro didático de História analisado foi o do autor Junior<sup>1</sup> utilizado no ensino fundamental, onde percebe-se que os conteúdos não sugerem ao aluno a busca por mais informação a respeito do conteúdo deixando esse papel para o professor, porém o livro apresenta textos complementares para auxiliar na fixação do conteúdo. Também apresenta fotos, mapas, obras para análise, o que chama a atenção dos alunos e as atividades propostas trazem questões objetivas e discursivas porém em algumas questões utiliza uma linguagem que pode dificultar o entendimento do aluno.

Outro ponto significativo notado é que a cultura africana é pouco mostrada o que faz com que uma parte importante da História seja deixada de lado. Através desse livro entende-se por que o professor tem que buscar cada vez mais meios de acrescentar ao conteúdo através de outros métodos e ativar o aluno a sempre procurar saber mais sobre o conteúdo, fazer pesquisa e ler documentos, porque o livro didático não consegue trazer todas as informações necessárias para o conhecimento da História, já que o conteúdo é bem resumido, perdendo fatos importantes.

---

<sup>1</sup> Alfredo Boulos Junior, "História Sociedade e Cidadania", 7º ano. Ed. – São Paulo, Editora FTD S. A, 2015.

Foi a rotina nas aulas de História do ensino fundamental que me despertou o interesse em promover uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, usando como fonte, livros, artigos científicos e pesquisas em sites, para analisar como o livro didático de História que está sendo utilizado nas aulas hoje em dia, e quais são os benefícios do uso de outras ferramentas para complementar o conteúdo e chamar a atenção dos alunos para o estudo da História, já que o interesse dos alunos tem sido cada vez menor em conhecer os conteúdos da História.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa aqui apresentada surgiu com o intuito de buscar entender a relação entre o professor/historiador com o livro didático, principal ferramenta em sala de aula, e a inserção de outros recursos didáticos no ensino atual. Foi realizada uma busca para apresentar a história do livro didático no Brasil, as principais mudanças que ocorreram, e os programas governamentais responsáveis por distribuir e também fiscalizar essas publicações.

Foi analisado textos de autores que tratam do ensino de história e falam sobre as vantagens e desvantagens dos livros didáticos no ensino, como os professores utilizam essa ferramenta e como fazem uso de outros recursos pedagógicos e didáticos para melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Muitas dessas pesquisas mostram que alguns livros falham na apresentação do conteúdo não conseguindo trazê-lo de forma completa, deixando as vezes fatos importantes de lado, ou dando ênfase apenas a conteúdos padrões, deixando de passar aos alunos acontecimentos relacionados a nossos antepassados, importantes para sua formação social e política.

Para melhor conclusão foi analisado um livro didático de História utilizado no ensino fundamental de uma escola pública estadual. O livro foi analisado na intenção de observar os principais aspectos e detalhes que compõe os livros atuais.

Apesar de sofrer algumas críticas e serem alvos de pesquisas o livro didático parece ser a ferramenta mais utilizada nas aulas de História e que os professores/historiadores procuram explorar ao máximo tudo o que ele apresenta como ferramenta para melhorar a absorção do conteúdo pelo aluno, já que muitos deles apresentam sugestões de artigos, filmes, livros para complementar o conteúdo

ali apresentado. Isso mostra o quanto às novas tecnologias está ficando cada vez mais presente na vida escolar atual, apesar da desigualdade social prejudicar os alunos que não tem acesso a essas tecnologias. Os professores também estão cada vez mais buscando aperfeiçoamento e meios para melhorar o processo de ensino aprendizagem, buscando o interesse do aluno e fazendo a conexão entre passado e presente.

Fica claro que o livro ainda é a principal ferramenta, mas não é e não deve ser a única, o livro não deve ser usado como muleta, o professor/educador não deve se acomodar e sim buscar sempre se aperfeiçoar, pois o ensino atual está cada vez mais difícil, principalmente quando se fala do ensino de História, conteúdo visto pelos alunos como desnecessário e chato, e os alunos estão cada vez mais dispersos, e desinteressados pelo o estudo. Então é papel do Professor/historiador mudar essa visão na cabeça dos alunos. É isto que muitos estão buscando usando como principal utensílio a tecnologia, já que ela se faz tão presente na vida das crianças e jovens atuais.

A utilização de filmes, documentários, jogos, tem dado resultado e conquistado os alunos a cada dia, atraindo sua atenção a explorar o conteúdo apresentado pelo professor.

As mudanças nas metodologias de ensino são constantes, os livros didáticos também estão sempre se aperfeiçoando e cabe ao professor buscar e se aperfeiçoar também, buscando romper barreiras e pensar na melhor forma de transmitir o conteúdo para o aluno, já que cada um aprende de formas e em ritmos diferentes.

Assim o professor e órgãos governamentais responsáveis pela fiscalização e distribuição dos livros didáticos devem procurar ser coerentes nas escolhas dos melhores livros para se usar no ensino público e privado já que o mercado editorial virou uma grande disputa, com valor financeiro, então cabe a eles saber desviar dessa disputa e focar no melhor para educação brasileira, selecionando os livros com o melhor conteúdo para o aprendizado dos alunos.



## REFERÊNCIAS

BRASIL, DECRETO Nº 7.750, DE 8 DE JUNHO DE 2012, Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7750.](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7750.)> Acesso em: 23 de jan. de 2020

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica.** Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. **PNLD.** Ministério da Educação. Brasil, 2018. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391&option=com_content&view=article)> Acesso em: 19 de março de 2020

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil.** Bauru, SP: Edusp; Uberlândia, MG: Edufu, 2004.

JUNIOR, Alfredo Boulos, **História Sociedade e Cidadania**, 7º ano. Ed. 3 – São Paulo, Editora FTD S. A, 2015.

LAJOLO, Marisa. **LIVRO DIDÁTICO: um (quase) manual de usuário.** Brasília. 1996. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2061/2030>. Acesso em: 10 de março de 2020.

MARCIANA, P. P. O. *et al.* **Uso do filme como estratégia de ensino-aprendizagem sobre pessoas com deficiência: percepção de alunos de enfermagem.** Rio de Janeiro. Escola Anny Nery (2012)

MATOS, Julia Silveira. **A história nos livros didáticos: o papel das políticas governamentais na produção e veiculação do saber histórico,** Rio Grande, 2012. Disponível em < <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3152>> Acesso em: 05 de jan. de 2020.

\_\_\_\_\_ **As políticas voltadas para a avaliação, regulação e distribuição dos livros didáticos de história no Brasil.** Rio Grande, 2012. Disponível em: <[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/18/1346359061\\_ARQUIVO\\_ArtigoAspoliticagovernamentaisparaadistribuicaodolivrodidatico\\_SalvoAutomaticamente\\_.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/18/1346359061_ARQUIVO_ArtigoAspoliticagovernamentaisparaadistribuicaodolivrodidatico_SalvoAutomaticamente_.pdf)> Acesso em: 19 de março de 2020

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tânia Regina. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNL D.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 48, p. 123-144, 2004. Disponível em<<https://www.redalyc.org/pdf/263/26304806.pdf>> Acesso em: 20 de Dez. de 2019.

NICOLIELO, Bruna. **Isabel Barca fala sobre o ensino de História.** 2013. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/930/isabel-barca-fala-sobre-o-ensino-de-historia>> Acesso em: 10 de jan. de 2020

RODRIGUES, Eric Freitas. **Tecnologia, inovação e ensino de história: o ensino híbrido e suas possibilidades,** 2016, Disponível em<<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4604/1/Tecnologia%2C%20Inova%C3%A7%C3%A3o%20e%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria%20o%20Ensino%20H%C3%ADbrido%20e%20suas%20possibilidades.pdf>> Acesso em 12 de jan. 2020.